

a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEM E CÁVADO

ANO VII — N.º 200

Director: ALEXANDRE VAZ

12 DE AGOSTO DE 1993

QUINZENÁRIO

SAI NAS SEGUNDAS E ÚLTIMAS QUINTAS-FEIRAS DO MÊS



PREÇO: 50\$00

TAXA PAGA
4700 BRAGA
PORTUGAL

TOPONÍMIA DA ABADIA

Na reunião da Mesa da Confraria de 3 de Julho passado, o Presidente propôs que se homenageassem as pessoas que têm contribuído para o desenvolvimento e o progresso da Abadia.

Para já, o Cônego Arlindo Ribeiro da Cunha escreveu a monografia, «A Senhora da Abadia», e ofereceu a primeira edição e a segunda à Confraria, durante um ano, por uma vez e por outras vários meses foi o capelão sem receber qualquer vencimento, como mesário e delegado do Sr. Arcebispo defendeu os interesses do Santuário e da Abadia, conseguindo com a Mesa a compra da Casa do Lagar e dos terrenos anexos e outros melhoramentos. Américo José de Oliveira Arantes que deu terreno para o desvio da estrada de junto do Santuário, nos seus campos do Tutas. Ernesto Fernando Ribeiro da Cunha que tem feito vários trabalhos de graça para a Confraria com as suas máquinas a retro-escavadora e outras.

A proposta foi aprovada por unanimidade. A Mesa resolveu que ao terreiro dalém da ponte fosse dado o nome Largo Cônego Arlindo Ribeiro da Cunha; a alternativa da estrada que fica nos campos do Tutas e do passal o nome de Avenida Américo José de Oliveira Arantes, ao largo que tem as mesas de pedra e as tílias novas o nome de alameda Ernesto Fernando Ribeiro da Cunha.



No terreiro dalém da ponte, a Mesa da Confraria resolveu, que fosse dado o nome Largo Cônego Arlindo Ribeiro da Cunha



O que resta da primeira escola construída em Seramil

SERAMIL

— Uma aldeia do outro mundo

PÁGINA 7

DECLARAÇÃO FINAL
DOS PARTICIPANTES NO CONGRESSO
POR OCASIÃO DO X ANIVERSÁRIO
DA CARTA DOS DIREITOS DA FAMÍLIA

FAMÍLIA: SANTUÁRIO DA VIDA

PÁGINA 8

PEREGRINAÇÃO AO SANTUÁRIO
DE NOSSA SENHORA DA ABADIA

PROGRAMA

DIA 14 — SÁBADO

• Às 8 horas, Via-Sacra; 22 horas, Missa Vespertina e Procissão de Velas

DIA 15 — DOMINGO

FESTA DE NOSSA SENHORA DA ABADIA

• Às 10 horas, peregrinação da 2.ª capela para o Santuário; à chegada Missa cantada e sermão da festa.

• Às 12 horas, Eucaristia no Santuário.

• Às 17 horas, Procissão da festa e no fim a pregação de conclusão.

AMARES



Festa
do Emigrante,
com Artesanato
e Gastronomia
Regional

PÁGINA 5

SUMÁRIO

Mensagem
de um drogado

PÁGINA 2

Pelo Santuário

PÁGINA 3

Passatempos

PÁGINA 9

Temos Emigrantes
e Imigrantes!
que nos visitam

• Crónicas Selvagens

PÁGINA 10

a voz da abadia

AVOZDAS GENTES DE ENTRE HOMEME CÁVADO

Quinzenário regionalista e independente

DIRECTOR

Prof. Alexandre Vaz

DIRECTOR-ADJUNTO

José Filipe

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Santuário de Nossa Senhora da Abadia

Santa Maria de Bouro

4720 AMARES

Telefone (053) 371197

PROPRIETÁRIO

Confraria de Nossa Senhora da Abadia

DEPÓSITO LEGAL N.º 12453/86

COMPOSTO E IMPRESSO

EDITORA CORREIO DO MINHO/SM

Palácio de Exposições e Desportos

Telefone 74087

4703 BRAGA CODEX

ASSINATURA ANUAL: 1.200\$00

NÚMERO AVULSO: 50\$00

TIRAGEM MÉDIA MENSAL

3.500 EXEMPLARES

DIVULGUE E ASSINE

a voz da abadia

Colabore connosco na expansão deste jornal.

Faça dos seus Amigos assinantes de «A Voz da Abadia» — enviando-nos, devidamente preenchido, este cupão.

NOME _____

MORADA _____

Assinatura Anual (1.200\$00)

Assinatura Bi-anual (2.400\$00)

Assinatura de Benfeitor ()

Renovação da Assinatura (Anos:)

*Nas páginas
deste Jornal
o seu nome
nunca fica mal...*

Por isso anuncie
n'A VOZ DA ABADIA

Mensagem de um drogado

Um recluso do Estabelecimento Prisional de Braga entregou-me esta mensagem com o pedido de a tornar conhecida. Conheço o jovem e parece-me inteiramente sincero naquilo que diz.

P. Fernando Leite

O meu nome é A.F.L.F.; tenho 24 anos e moro em Fafe.

Fui um viciado na droga durante sete anos; comecei a consumir drogas muito novo, influenciado pelos amigos. Comecei pelo haxixe e a liamba, e mais tarde, envolvi-me na heroína e na cocaína. Vivía só para a droga. Todo o dinheiro que ganhava era para sustentar o vício. E cada vez necessitava de doses maiores, porque o meu vício estava entranhado no corpo e na alma.

Queria ter forças para deixar as drogas, mas não conseguia. O vício era mais forte do que eu. No desespero de mais uma vez ter cedido à paixão, chegava a bater com a cabeça no chão. O meu conflito era grande; a minha vida era um sofrimento constante, um pesadelo que parecia estar num túnel, sem saída.

Por fim vim parar à cadeia. Foi bom para mim

e sinto-me feliz, não por estar na prisão, mas por me ver livre da droga.

Gostava que todos os toxicodependentes se libertassem da droga. Seguindo caminho do vício só temos três alternativas: o hospital, o cemitério ou a prisão. A mim tocou-me esta última, mas só o nome de cadeia faz estremecer.

Aqui não tenho verdadeiros amigos. Se não fossem os meus pais, a minha namorada e os meus irmãos, seria um desgraçado na prisão.

Todos os dias rezo e peço muito a Nosso Senhor que abençoe os meus e que dê muitos anos de vida à minha boa mãe. É bem certo o que se diz: «Quem tem uma mãe tem tudo; quem não tem mãe, não tem nada».

Agora gostaria de estar numa casa onde vivem os toxicodependentes, para ajudá-los, dar-lhes apoio moral e carinho, porque sei que sofrem muito.

Mais uma vez peço a todos os toxicodependentes que se afastem das malditas drogas. É esta a mensagem que lhes dedico.

Tenhamos muita fé em Deus, porque Ele está em toda a parte e ajuda-nos sempre».

Um dia — trata-se de um episódio real — um homem a quem nasceu o oitavo filho, apresentou-se ao velho Pároco que já tinha baptizado os sete precedentes.

O Senhor Prior — disse ele — tem falado frequentemente sobre o valor infinito de todas as crianças e sobre o dom da fé, que a família e a comunidade paroquial são chamadas a transmitir-lhe. Não seria oportuno programar a celebração do baptismo de maneira tal que a paróquia compreendesse e

sentisse essa verdade? Desta vez iremos todos à função, até mesmo a minha mulher. Que diz, que se convidasse toda a paróquia? Para a paróquia, trata-se na verdade, de uma honra, de uma alegria, quando Deus lhe confia uma criança regenerada no baptismo.

A educação, em todas aquelas grandes coisas que lhe são propos-

tas naquele momento, não dependesomente da família.

Eu penso que não faria mal se, ao menos algumas vezes no ano, todos os paroquianos assistissem a um baptismo, para renovarmos promessas batismais, e para garantirem com a sua presença que o recém-nascido filho de Deus, encontrará uma atmosfera de fé, espe-

rança e de amor. O velho Pároco quase incrédulo com o que ouvira, com os olhos marejados de lágrimas, respondeu imediatamente: Tem razão. Faremos assim como disse. Mandaremos também tocar os sinos, porque um acontecimento tão grandioso e feliz, como é o baptismo, deve ser acompanhado pelo repicar dos sinos.

Os sacramentos pregam o evangelho e obrigam ao amor.

HARING



**FÁBRICA
DE FATOS
CASACOS
CALÇAS**

de alta categoria!

À venda nos bons estabelecimentos

PONTE DOS FALCÕES
MAXIMINOS - 4700 BRAGA

TELEFONE 71210
TELEX 32288 FACHO

PELO SANTUÁRIO



FESTAS DO SANTUÁRIO

No domingo, 8 de Agosto, realizou-se a festa de S. Lourenço.

Teve pouca afluência de pessoas, a participação nos actos de culto comparava-se à dos domingos.

Mas os terreiros da Abadia ficaram cheios de carros e camionetas: era gente de Braga, Barcelos, Famalicão, Ponte de Lima, dos lados do Porto e de Guimarães e Viana, que disse ter festas na sua terra, que deixara ficar por causa do barulho, da balburdia, da confusão e porque nelas não se arranjava um lugar calmo para descansar um pouco.

A concorrência duma festa à direita da Abadia,

o S. Bento da Paradela de Frades, doutra à esquerda, o S. Caetano de Vilarinho, além da de S. Lourenço de Goães, foi a causa de não haver mais pessoas a participar nela.

A assistência esteve atenta à pregação, com muita devoção na eucaristia, tomou parte na procissão e associou-se aos cânticos; não era grande, mas era boa.

O pregador, o diácono José Maria Araújo, narrou a história da vida de S. Lourenço para o apresentar como um exemplo das virtudes cristãs, da fé, da esperança e da caridade que lhe deram fortaleza para enfrentar e sofrer o martírio da justiça e da prudência com que soube acautelá-lo e por fim dar um destino acertado aos bens da Igreja, de que era encarregado para socorrer os pobres.

*
*
*

Para domingo, dia 15 de Agosto, temos uma das festas principais da Igreja em honra de Nossa Senhora, a da sua assunção ao céu.

No Santuário da Abadia, a festa da glorificação de Nossa Senhora, da sua Assunção, tem sido sempre a mais importante, mesmo depois de se realizar a peregrinação no fim do mês de Maio.

Mais do que atendermos a solenidades e ao esplendor externos da festa, temos de procurar viver a nossa fé, esperança e caridade, o amor a Deus, a Nossa Senhora e aos Santos, bem como aos nossos irmãos para ela agradecer plenamente a Deus e a Nossa Senhora.

PROMESSAS

Algumas das promessas que se receberam no mês de Julho:

Elvira Sara Gonçalves, da freguesia do Mosteiro, Vieira do Minho, veio no dia 3 de Junho trazer uma libra Rainha Vitória, com o aro e a argola de ouro de as usar no cordão, promessa que tinha feito a Nossa Senhora da Abadia por uma graça recebida.

Maria da Conceição dos Santos Mendes, Oliveira do Douro, Gaia, entregou um anel que tinha prometido a Nossa Senhora por ser atendida num pedido que lhe fez.

No Santuário deram as seguintes promessas anónimas:

6 de 10.000\$00; 14 de 5.000\$00; 7 de 2.000\$00 e 56 de 1.000\$00.

**VISITE A EXPOSIÇÃO
COMEMORATIVA
DE S. BERNARDO
NO MUSEU
NOSSA SENHORA
DA ABADIA**

CM CASA MACEDO

DE - José Cassiano Gonçalves Macedo

TECIDOS • MALHAS • CONFECÇÕES • PRONTO A VESTIR
CALÇADO • MIÚDEZAS, ETC. — EMP. S/ PÊNHORES

Praça do Comércio, 102 a 106

Telefone 993176

4720 AMARES


FUNERÁRIA SANTA MARIA





Agência funerária
Com Carro Fúnebre próprio

Trata de toda a documentação de funerais.
Funerais e Transladações para todo o País.
Coroas e Palmas em flores naturais.
Ornamentação de Andores e Cruzes Pascais.

Telef. 371195 / 79244

Bouro (Santa Maria) 4720 AMARES

Fernando
OCULISTA


ESTABELECIMENTO
COM
TÉCNICO QUALIFICADO
EM
ÓPTICA OCULAR


Rua do Souto, 23

(Junto à Casa das Louças)

Telefone 27703

4700 BRAGA

CARDOSO DA SAUDADE

OFERTA DE VERÃO



FATOS	8.390\$
CASACOS	6.490\$
CALÇAS	1.500\$
CAMISAS	1.715\$

**ARTIGOS DE ALTA QUALIDADE
A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA**

CARDOSO DA SAUDADE

LARGO DE SANTA CRUZ — BRAGA

Realizou-se no dia 8, a Primeira Comunhão e Profissão de Fé, na igreja paroquial, sita no Chamadouro, desta freguesia.

As crianças, num total de 38 (21 da profissão de fé e 17 da primeira comunhão) concentraram-se junto à igreja, às 8,45h. Às 9 horas, houve o início das cerimónias religiosas e missa, tudo solenizado com cânticos próprios para a cerimónia e adequados para as crianças, em que também participou o coro paroquial. Houve, também, o ofertório solene, pelas crianças, bem como a oferta do ramo de flores e consagração a N.ª Senhora, não faltando a renovação das promessas do Baptismo, junto à pia baptismal.

De referir, que a preparação das crianças começou logo a seguir à Páscoa, havendo a catequese diária, durante o mês de Julho.

Tudo decorreu dentro da maior alegria. Fazemos votos de que estas crianças, bem como as que já passaram por estes actos, não se esqueçam deste dia, mas sobretudo daquilo que aprenderam e o ponham em prática.

A todos os que ajudaram a solenizar esta festa, os nossos agradecimentos.

Festa de S. Caetano

Os habitantes do lugar de Vilarinho, desta freguesia, festejaram o seu padroeiro nos dias 7 e 8 deste mês. Como sabemos, o dia mais solene foi no dia 8, com missa solenizada na capela do dito lugar, erigida em honra de S. Caetano. A mesma começou às 11 horas do dia 8, com sermão profe-

VALDOSENDE

FESTA DA PRIMEIRA COMUNHÃO E PROFISSÃO DE FÉ



rido pelo diácono sr. Capitão Araújo, havendo depois uma solene procissão, como vem sendo tradição, nestes últimos anos.

Não queremos deixar de aplaudir os habitantes do lugar de Vilarinho pelo bairrismo que põem nesta festa. Pelo menos, aqui, mantem-se viva a sua devoção.

Porém, não queremos deixar de, mais uma vez, alertar para as determinações do sr. Arcebispo, no que respeita a estas festas, o que só as dignifica e enobrece.

Para os que tiveram trabalho, muitas vezes com sacrifício, e o fizeram com a intenção de louvar a Deus e conseqüentemente o seu padroeiro, Deus lhes dará a recompensa.

De referir, que houve outros divertimentos.

Emigrantes em férias

São bastantes, as pessoas da nossa terra, que se encontram no estrangeiro, que vieram até à sua e nossa terra, para visitar os familiares. Vieram de França e Luxemburgo, onde se encontra a maioria deles.

«A Voz da Abadia», deseja-lhes boas férias.

Desastre de viação

Pelas 16,30h. de 9-8-93, no lugar do Assento, junto da curva dos Eucaliptos, houve um violento embate entre dois veículos, que os deixou completamente danificados na parte frontal. Um conduzido por António Rodrigues de Macedo, (Opel Ca-

dett 1.35, de matrícula luxemburguesa KB 065), trazia como ocupantes a esposa Maria do Céu Araújo Rodrigues, com a mesma idade do marido, 35 anos, e dois filhos: Vítor Borges Rodrigues de Macedo, de 12 anos e David Rodrigues de Macedo, de 7 anos.

Estavam a passar férias na sua terra, em Cabanelas — Vila Verde.

O outro, conduzido por Joaquim Rua Afonso, de matrícula 2047 RR 92, francesa, marca Renault 25, trazendo como ocupantes a esposa e uma filha com cerca de 14 anos, estando de férias em Portugal, mais precisamente em Medeiros — Montalegre.

A G.N.R. do Gerês esteve no local, tendo tomado conta da ocorrência. Também compareceram no local 3 ambulâncias da Cruz Vermelha.

Houve ferimentos muito graves nos ocupantes do veículo de matrícula luxemburguesa.

Segundo fomos informados, a esposa do condutor deste veículo teria falecido a caminho do hospital. Quanto a um filho, o mesmo foi transportado para o Hospital de S. Marcos, em Braga.

Segundo informações que colhemos, no local, logo de imediato a maneira como foram socorridos os feridos graves não foi a mais apropriada. Pessoas com conhecimentos de socorrismo disseram-nos que o pessoal de uma das ambulâncias, que só era o condutor, não fez tudo ao seu alcance para os primeiros socorros, incluindo a aplicação de oxigénio, o mesmo acontecendo com a recolha dos feridos para as macas, antes se preocupando para os instalar na ambulância sem as devidas precauções exigidas para estes casos. Quanto aos feridos ligeiros, foram noutra ambulância para Rio Caldo, ambulância que também só trazia o condutor. No local só vimos a ambulância da Cruz Vermelha de Terras de Bouro, esta sim com dois membros da C.V., mas que não foi necessária a sua utilização, muito embora fosse a primeira a chegar ao local, segundo nos disseram. Aliás, já não é a primeira vez que, em casos em que é necessária a intervenção de ambulâncias, Terras de Bouro tem chegado em primeiro lugar ao local, muito embora seja a delegação que fica mais afastada.

Aqui fica o reparo.

Quanto às causas do acidente, não se apurou convenientemente, dado que o condutor do veículo luxemburguês, já não estava no local. No entanto, dada a posição dos carros, parece que a culpa seja toda dele, aliás segundo o próprio reconheceu, na ocasião. — (C.)

MOIMENTA

FALECIMENTO

Por falta de informação, só agora publicamos a morte do Sr. Joaquim Santos Martins, colaborador do nosso jornal desde a sua fundação. Só deixou de o fazer a partir da doença que do momento em que adoeceu acabando por não resistir.



Foi um exemplar chefe de família, onde conseguiu a proeza de ser pai de 15 filhos, deixando-os, felizmente, todos bem encaminhados, o que não deixa de ser nos tempos que correm um feito raro.

Quem não conhecia o Sr. Martins que tantas e tantas vezes, durante muitos anos, tocava o piano nas festas religiosas?

Foi também poeta popular. Escreveu com o nome «Crispin de Vilar».

E porque não citar um dos tantos versos que ele escrevia neste jornal?

*Esse tesouro Bendito
É amar o próprio Deus,
E assim desta maneira,
Estou nos altos do Céu!*

Apresentamos sentidos pêsames aos seus familiares.

PADARIA UNIVERSAL

de António José Fernandes

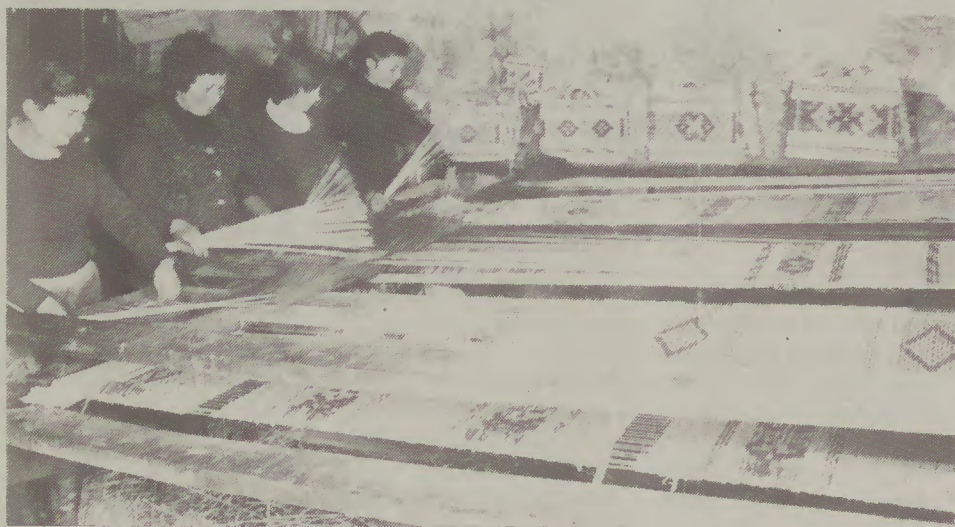
ESMERADO SERVIÇO DE PÃO E PRODUTOS AFINS

Fabrico e venda de pão especial aos domingos para tornar o seu almoço mais apetitoso. O pão é o melhor e mais barato dos alimentos. Prefira o da PADARIA UNIVERSAL

TELEFONES 371125 e 371346 — SANTA MARIA DE BOURO — AMARES

AMARES

FESTA DO EMIGRANTE, COM RUSGAS E CANTARES AO DESAFIO, INCLUI ARTESANATO E GASTRONOMIA REGIONAL



Amares vai reviver no último fim de semana deste mês, o seu 1.º Encontro de Rusgas e Cantares ao Desafio, guarnecido de uma mostra de artesanato e da apaladada gastronomia regional, numa homenagem bem portuguesa que a Câmara Municipal de Amares e a jovem Associação M.A.R.C.A. (Movimento de Acção Recreativa e Cultural de Amares) querem prestar a todos os emigrantes do Concelho espalhados pelo mundo.

Desta forma, como nos revelou uma fonte autárquica ligada à organização da festa «vamos reviver, contactar e conhecer os quadros típicos de ancestrais tradições, autênticas raízes culturais do povo a que nos orgulhamos de pertencer».

Quem, de entre os mais velhos, não se lembra da alegria e grande animação das gentes da nossa terra a caminho das romarias?!

Para vestir, tiravam-se das caixas e dos baús os trajes de feira ou de festa.

As mulheres usavam blusas de chita, lenços de merino, saias compridas e muito rodadas, por vezes com barras garridas, plissadas outras, condessa à cabeça com briosas toalhas de linho, coloridas sacas a cheirar a alfazema. Caminhavam, pé ligeiro, sempre a rir e a cantar para melhor aliviar o cansaço, matar o tempo e a distância.

Os homens, com a mesma alegria, porque se vai para a festa, lá seguem, alguns em mangas de camisa, de linho

já se sabe, agarrado ao pau de marmeleiro (não vá o diabo tecê-las), guarda-chuva para as costas, evidenciando quanto podem as cabaças ou os garrafões com o melhor tinto da casa, passo firme, logo seguidos de pequenas carreirinhas para ficarem mais perto da solteirinha do rancho que há muito não perdem de vista e com que sonham, um dia, juntar os trapinhos e viver debaixo das mesmas telhas.

Assim apetrechados, formavam as rusgas, as estúrdias ou tocatas em que não faltavam os tocadores da concertina, do bombo, dos ferrinhos, do cavaquinho e do reque-reque.

As pessoas juntavam-se no lugar da aldeia escolhido para a saída. Chegada a hora marcada, ainda se esperava por alguém mais atrasado. Depois era a caminhada. Sempre a pé, cantando sempre, carregados de promessas e farneis, lá partem a engrossar o formigueiro huma-

no em volta da Capelinha caiada, ou do Santuário onde se venera o santo da grande devoção popular.

Eram muitas as romarias na nossa região e eram muitas as modas que osromeiros e devotos por lá cantavam.

Na ida, levaram modas da terra onde nasceram e se criaram, mas, na volta, já traziam outras que lhes haviam ficado no ouvido. Assim se espalhavam os usos e costumes e os cantares de cada terra.

A par desta demonstração cultural, nos dias 27, 28 e 29 deste mês vamos assistir ao I Festival de Artesanato e Gastronomia.

É que os bordados em linho, o ferro forjado, os artefactos de madeira, o barro pintado, as mantas e os tapetes saídos das habilidosas mãos das tecedeiras da nossa terra e as cestas de cana e vime entre outras actividades vão estar presentes numa exposição que terá lugar no Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários de Amares.

No recinto onde terá lugar a Festa do Emigrante, no Largo da Feira Nova, decorrerá o



I Festival de Gastronomia e Vinhos de Amares.

Portudo isto, a Câmara Municipal de Amares, em coordenação com a M.A.R.C.A. (Movimento de Acção Recreativa e Cultural de Amares) sentindo que esta seria uma forma de reviver, sentir e mostrar aos nossos Emigrantes e à População em geral, momentos significativos da nossa

cultura convida-o, estimado leitor, a estar presente nesta grande festa popular, bem ao gosto de todos os amarenses, dos nossos emigrantes e das gentes do Minho.

Venha a Amares, conheça as nossas tradições e a nossa cultura!

Saboreie a nossa gastronomia e, não se esqueça, para beber, os generosos vinhos da nossa terra!

FIGUEIREDO

FORTES VENTANIAS

O mês de Julho último não perdoou em calor e em ventos por vezes fortes.

O calor fez das suas e o vento não menos. O primeiro, provocando incêndios. O segundo, alastrando-os.

Os nossos doentes

O estado de saúde da Sr.ª Olívia Martins, esposa do nosso assinante Sr. Manuel António do Vale Gomes, de Chãos, tem-se agravado consi-

deravelmente. Porém, ainda cremos na bondade e misericórdia infinitas do Senhor.

Caminhos de S. Tiago

Nos dias 24 e 25 do mês passado, todas «las carreteras» levaram a Santiago de Compostela.

Centenas e centenas de peregrinos de muitas nacionalidades, designadamente portugueses e na sua maioria minhos, não se pouparam a

sacrifícios para, junto dos restos mortais do primeiro Apóstolo, mártir por decapitação no ano de 42, suplicarem a Deus que, por sua intercessão, conceda à Igreja universal «a graça de encontrar força no seu testemunho e auxílio na sua protecção».

As paróquias de Figueiredo e Amares também lá estiveram. A viagem decorreu sem quaisquer perigos, e, no rosto de todos, se espelhavam satisfação absoluta e sã alegria espiritual. — (C.)



Pensão
UNIVERSAL
ABERTA TODO O ANO
Restaurante
EM
TERMAS
DE CALDELAS
Telefones 36236 / 36286
4720 AMARES

SOUTO

FESTA DE SANTA EUFÊMEA

Santa Eufêmea é um lugar da freguesia de Souto.

Os residentes deste lugarejo, gente simples e acolhedora, sempre sonharam em construir uma capelinha à sua Padroeira. Esse objecti-

vo foi concretizado há dois anos.

A Santa teve agora uma capelinha e a sua festa anual. Este ano honrou-se Santa Eufêmea com uma procissão de velas e sermão, no sábado, e missa soleni-

zada no domingo. Houve também convívio nos dois dias, há noite, no sábado com um grupo de tocadores da freguesia, que muito promete e no domingo, com o grupo «Imbatíveis do Minho».



Rusga de S. Brás

Inserida no programa das festas concelhias de Terras de Bouro e orientada pela dinâmica Associação «De Burieis», a rusga de S. Brás foi um dos momentos mais altos e ricos das festas.

Desfile de carros alegóricos, danças e cantares da nossa terra, mostraram bem a nossa cultura e as nossas tradições.

Souto também esteve presente.

O moleiro com o burrito, a serração ma-

nual, a velha ranhosa e a tocata à portuguesa caracterizaram os costumes do passado desta freguesia.

Missa Nova

O Padre António Fernando Senra de Sousa, muito nosso familiar, pois fez o ano pastoral na nossa paróquia Chorense e freguesias vizinhas, foi ordenado sacerdote a 18 de Julho na Basílica do Sameiro e cantou Missa Nova em Santa Senhorinha, Cabeceiras de Basto, sua terra natal, a 8 de Agosto de 1993.

Os nossos pequerruchos foram à praia

Integrados no grupo do Centro Paroquial e Social de Covide, as crianças da A.T.L. de Souto, acompanhadas da educadora de infância e auxiliar, passaram quinze dias à beira-mar, na praia da Aguçadoura.

A frescura marítima, a disciplina e o convívio, concerteza que muito enriqueceram os pequeninos, homens do futuro.

(H. S.)

VILELA

FESTA DE S. TIAGO

Mais uma vez se realizou a festa em honra de S. Tiago. Esta festa mantém a sua tradição bastante viva nesta freguesia, pois todos os anos vem sendo tradição festejar o Padroeiro desta terra, embora uns anos com mais ou menos animação ou devoção, mas é bom que se festeje». Este ano a festa foi bastante animada, pois não faltaram as actividades culturais como sejam o folclore e um dos grupos que actuou foi o desta freguesia. Aqui é de registar a boa actuação deste grupo que só tem meses de existência e fez agora a sua primeira actuação ao vivo, mas que soube dar boa conta de si, pois cantou e tocou muito bem. Este grupo é formado só por elementos desta terra, só precisa de continuar a trabalhar para poder ser cada vez melhor visto pois está já em bom andamento. Não faltaram também o conjunto, cantares ao desafio, bastantes jogos e outras animações.

As actividades religiosas foram bastantes notórias, desde a procissão de velas, a missa cantada a S. Tiago, o terço com sermão e procissão com muitos andores e figurados.

Parece tudo ter cor-

rido bem, e é bem que todos os anos se festeje o Padroeiro que bem o merece, para que esta freguesia se anime ao menos nessa altura, visto que tem sido uma freguesia muito morta a nível de animação cultural, mas isso é um pouco natural porque a freguesia é pequena e tem poucas condições para certas actividades.

Esperemos que para o ano haja mais e melhor, se possível, se não pelo menos igual o que já é muito bom.

Um «Alerta»

Foi feita a estrada que liga Paredes-Secas a Vilela, estrada essa que deu outro desenvolvi-

mento a esta freguesia sendo o trânsito feito por essa estrada em grande parte. O problema é que com a estrada vieram os acidentes os quais são de registar alguns que se precederam seguidos embora já com danos materiais, isto talvez sirva de alerta, talvez alguma coisa se possa fazer para evitar alguns acidentes. É o caso dos sinais de trânsito, pois se fossem colocados alguns sinais de trânsito principalmente no cruzamento frente à capela, visto ser um local com bastante movimento e pouca visibilidade, poderia servir de precaução para quem lá transita porque todo o cuidado é pouco. — (C.)

GOÃES

ESTUDANTES RECUPERAM HABITAÇÃO DEGRADADA

A Associação de Estudantes da Escola Secundária Carlos Amarante, de Braga, em colaboração com o Instituto da Juventude está a recuperar uma casa degradada desta freguesia. Trata-se de uma casa «de família numerosa, que vive com múltiplas carências sociais e humanas».

Em articulação com o conselho directivo do mesmo estabelecimento de ensino, com o grupo de professores de religião e moral católica e ainda com a colaboração do colégio de La Salle, em Barcelos, aquele grupo bateu à porta do Instituto da Juventude.

FERREIROS (Feira Nova)

EMIGRANTES

Cá estão de novo, junto dos familiares e amigos para matar saudades. Outros em verdadeiro espírito de entreatada, completam a construção das casas que ficaram inacabadas.

Conversando com Eles, não estão muito optimistas. A crise é geral e os empresários onde trabalham, recomendaram para não faltarem no primeiro dia, pois correm o risco de despedimento. Lá, como cá.

Boas férias, Amigos, e cuidado na estrada.

Casamentos

No dia 17 de Julho,

consociaram-se José Manuel Viegas Soares e D. Natália Julieta Macedo Vitoriano.

— Em 31 de Julho, Manuel João Faria Brandão e D. Célia Goretti de Oliveira Vieira.

— No mesmo dia, João Manuel Leão Alves e D. Maria Helena da Silva Antunes.

— Em 7 de Agosto, Vítor Manuel da Silva Barros e D. Cândida Fernandes Gomes.

— Em 14 de Agosto, João de Oliveira Rodrigues e D. Ivone Alexandra P. Cardoso.

— Em 16 de Agosto, Aníbal de Sousa Rodrigues e D. Maria de Fátima

ma Machado de Almeida.

Desejamos a estes novos familiares, as maiores felicidades.

Baptizados

Receberam as águas lustrais do baptismo:

Simone Cristina, filha de António Oliveira Mota e D. Delfina de Fátima Faria Brandão.

João Pedro Fernandes Gomes, filho de Damião Luís T. Gomes e D. Maria Teresa V. Fernandes Gomes.

Jonathan Jaimés, filho de Joaquim Manuel Carneiro Dias e D. Maria da Graça Veloso Dias.

Bibiana Sofia Oliveira Ferreira, filha de Francisco José de Jesus Ferreira e D. Isabel Maria Vieira Fernandes Oliveira.

Ampliação do cemitério

Continuam as obras já iniciadas, esperando que o novo espaço comporte um número de sepulturas que dê resposta ao aumento demográfico da população desta freguesia. — (C.)

SERAMIL

— UMA ALDEIA

DO OUTRO MUNDO

Incrustada em montanhas e florestas densas de permeio com quintas e quintais viçosas, Seramil é uma aldeia que vai arrastando o seu atraso com penosidade.

Agora que os emigrantes chegaram — e são muitos — de vários pontos da Europa — esta aldeia anima-se e ouvem-se muitas conversas quase todas de desânimo.



Igreja Paroquial

A população espera há dez anos pela instalação de 19 telefones pedidos, tem uma agricultura de subsistência, sem ajudas, os serviços públicos a que tem de se dirigir são tantos e tão enfiçados pela burocracia, que acabam por desistir de qualquer acção.

Um ex-emigrante, com uma pequena reforma, desabafa:

«Aqui a gente para receber uma sardinha paga um Perú».

Ainda não foi dada solução ao antigo edifício, em granito, da antiga escola. Os caminhos são maus e os acessos difíceis. A população queixa-se de que tem de se deslocar quase uma hora a pé, à chuva ou ao calor, por cangostas, para ir tomar o transporte para a Vila, Braga e outras terras, apesar de possuir um estradação que lhe atravessa os campos, e solicitam que a «carreira» diária deve passar por Seramil e depois ir retomar os actuais sítios de embarque.

Esta aldeia, apesar de ser uma jóia de verdura, é conhecida pelos seus predicados de paz, tranquilidade e beleza.

O emigrante, José da Silva Costa, na Alemanha, há 21 anos, tenta unificar todos os residentes e não residentes numa batalha por Seramil, e para já, tem a promessa de que

alguns moinhos vão ser recuperados e postos a funcionar.

Numa boa área de turismo rural ainda nada se implementou e nin-

é o passarinho que não volta à sua ribeira — mas quando cá chegamos à realidade é pungente».

Poucas infraestruturas, nenhum

pároco, um passal abandonado que podia muito bem servir para um Jardim Infantil ou Salão Paroquial e um cemitério que caminha a passos largos, para ser não uma «memória» cristã, mas um matagal.

Se o visitante, por engano, ali passar, se quiser tomar o seu almoço, tem de se sujeitar a ir a uma pequena mercearia, comer uma sande de salpicão, com um pão duro e, se não usar álcool, beber água.

De uma vida antigamente vivida em pleno nos campos e nos montes, durante o dia, só ouvimos o runcar do aparelho de sulfatar, mas por pouco tempo.

As laranjas e os belos e muitíssimos limões estão nas árvores. Ninguém os procura, embora todos saibam que nos mercados lhes sabe muito bem dizer o que custa cada quilo daqueles frutos.

Os emigrantes vão-se cruzando nos seus automóveis, saudam-se, uns têm que parar para facilitar a passagem uns aos outros.

E depois de regressarem aos seus locais de trabalho, a aldeia volta ao ramerrão de um tempo que já passou há muito e ninguém mais se lembra dela.

A. V.



José da Silva Costa (à esquerda), emigrante há 21 anos, na Alemanha em conversa com o director de «A Voz da Abadia»

guém quer cá investir, por falta de um mínimo de condições.

«Quando ouvimos os governantes dizerem tão bem do nosso país, pensamos logo em regressar — fraco

local de lazer e recreio, falta de associações culturais, e de convívio, uma população envelhecida, poucas crianças, falta de braços para o trabalho agrícola, uma residência do



Cemitério Paroquial



Fonte pública

DECLARAÇÃO FINAL DOS PARTICIPANTES NO CONGRESSO POR OCASIÃO DO X ANIVERSÁRIO DA CARTA DOS DIREITOS DA FAMÍLIA

FAMÍLIA: SANTUÁRIO DA VIDA

I. FAMÍLIA E SOCIEDADE

1. Ao aproximarmos-nos do Ano da Família, somos felizes em notar o interesse demonstrado, por parte das organizações mais prestigiosas internacionais, por esta instituição. Este interesse é um sinal muito positivo, que nos levou a reflectir sobre o papel e sobre a importância da família na sociedade.

2. Somos felizes em notar que milhões de homens e de mulheres, em todo o mundo, vivem uma autêntica vida de família, num bom entendimento entre si e com os seus vizinhos. Mas reconhecemos também que muitos estão sujeitos a sistemas de lei, que fazem pesar sobre eles dificuldades que tornam difíceis os seus esforços para viver uma autêntica vida de família.

Fazemos votos por que estas dificuldades, deliberadas ou acidentais, possam ser superadas, de modo a encorajar e a reforçar a vida das famílias.

3. Neste esforço de reflexão, beneficiamos de um documento importante: a «Carta dos Direitos da Família», apresentada pela Santa Sé a 22 de Outubro de 1983.

Esta declaração afirma em particular: «A família é fundada no matrimónio, união íntima de vida na complementaridade entre um homem e uma mulher, que se constitui com o laço indissolúvel do matrimónio contraído livremente e expresso publicamente, e está aberto à transmissão da vida» (Preâmbulo).

4. A existência da família é anterior à do Estado e de todas as outras colectividades, e goza de direitos próprios e inalienáveis. A sua é uma realidade universal que corresponde à aspiração fundamental à felicidade, que se encontra no coração de cada homem e de cada mulher.

5. A estes direitos próprios e inalienáveis da família correspondem deveres. Eis por que a vida familiar não haure unicamente da esfera da vida privada. A família assim concebida, constitui um recurso inexaurível para a sociedade; nela, e sobretudo nela, encontram-se a igualdade e a liberdade.

6. A tarefa da família, lugar por excelência do nascimento, da educação e da realização da pessoa humana, é tomada difícil por uma ambiente global caracterizado pelo individualismo. Pois bem, é na complementaridade e na diversidade dos seus membros que a família contribui, de modo permanente, para a formação e para a realização das pessoas.

A família é uma comunidade natural que o Estado deve ter em consideração, como tal, qual célula da sociedade. Contudo, em virtude do princípio de subsidiaridade, o Estado deve respeitar a justa autonomia da família e abster-se de lhe regulamentar a vida interna.

7. Comunidade natural, a família insere-se além disso, para nós cristãos, no desígnio de Deus: é uma «ecclesiola». É uma «igreja doméstica», em que os pais se edificam reciprocamente sob o olhar de Deus, e em que os filhos são educados na fé. Assim, através da diversidade dos seus membros, a família exprime algo da riqueza deste mistério de amor que é a Trindade. Em poucas palavras, célula da sociedade, a fa-

mília é ao mesmo tempo célula da Igreja.

8. O melhor modo de permitir às famílias exercerem as suas responsabilidades na sociedade, é reconhecer o seu lugar nas convenções e nas declarações internacionais, bem como nos textos fundamentais dos Estados, particularmente nas constituições.

A família representa o terreno em que os direitos de cada um se tornam autênticos direitos, e no qual estes mesmos direitos se tornam exigíveis. Consequentemente, a família deve tornar-se a medida de todas as disposições legislativas e administrativas. O legislador deve ter sempre presente o impacto, positivo ou negativo, produzido nas famílias pelas disposições legislativas e administrativas.

9. Os princípios em que se inspiram estes documentos devem dar lugar a uma concretização em forma legislativa. As aplicações concretas das disposições legais devem ser garantidas pelas Cortes de Justiça.

Chamamos a atenção para as leis que começam por afirmar princípios fundamentais indiscutíveis, mas introduzem sucessivos artigos que legalizam múltiplas excepções, que vêm anular os princípios precedentes afirmados. Esta «técnica da derrogação» leva o legislador a fazer dizer à leis o contrário daquilo que elas parecem dizer. Tal é, por exemplo, o caso que diz respeito à criança em fase pré-natal, à qual a lei garante solenemente o direito à vida, para introduzir logo depois excepções rapidamente generalizadas, que anulam «de facto» o direito antes proclamado.

10. Os textos internacionais e nacionais devem, em particular, garantir os direitos fundamentais das crianças na família: o direito à vida; o direito a ter um pai e uma mãe, não só no momento da fecundação; o direito de crescer juntamente com os outros irmãos e irmãs; o direito a uma educação na família e no amor; o direito a ter um nome inspirado na cultura herdada pela criança; o direito ao respeito que é devido à inocência das crianças; por fim, muito simplesmente, o direito à infância, ou melhor o direito a não ser envolvida nos conflitos dos adultos, e a ser respeitada como um ser humano com plenos direitos.

11. Todas as vezes que os seus interesses são envolvidos, as famílias têm o direito e o dever de participar, através das associações idóneas, na preparação de projectos, de acordos e de leis, bem como na elaboração de decisões que lhes dizem respeito, tomadas no âmbito de organizações públicas ou privadas.

12. As famílias devem ter acesso a todos os meios de comunicação, em consideração do facto que estes últimos contribuem para a educação, para a informação, para a cultura, para os divertimentos e para o tempo livre.

13. Para desempenhar as suas responsabilidades e assegurar aos seus membros condições de vida que sejam dignas da vida humana, as famílias precisam de paz.

Neste aspecto específico, as famílias esperam dos Estados que eles resolvam os seus conflitos, recorrendo a soluções justas e fazendo recurso a meios pacíficos.

A estabilidade de uma paz justa e

duradora está ligada à existência de uma solidariedade activa em sentido económico, social, cultural e afectivo entre as nações, as famílias e os povos.

14. As políticas familiares e as legislações em que essas políticas tomam forma, correspondem a um dever de justiça e não-de inspirar-se no princípio de solidariedade entre as gerações. Pela sua própria natureza, tais políticas não são redutíveis a políticas fiscais de redistribuição dos rendimentos, nem a políticas de assistência pública. Elas devem assegurar salários justos àqueles que têm actualmente tarefas educativas.

Esta exigência de solidariedade, que já inspira as políticas relativas ao desemprego, à saúde e às reformas, deve ser igualmente respeitada a nível de políticas familiares.

15. Em síntese, podemos delinear três níveis de reflexão e de acção:

a) a família contribui de maneira determinante para a instauração da justiça e para a busca do bem comum. A família é, por excelência, a sede em que se apreendem os valores, em vista do maior benefício da sociedade política;

b) o respeito dos valores e dos direitos da família, assim como a promoção de uma política familiar eficaz, apresentam-se hoje como condições indispensáveis para a superação da crise, que o mundo actual atravessa, e para a instauração de uma comunidade democrática ao serviço de todos;

c) convidados todos aqueles que compartilham a nossa concepção da família a unirem-se às nossas forças e às nossas energias, para promovermos juntos o bem da família, para criar um futuro melhor e para trabalhar pela felicidade de todos os homens e da comunidade humana inteira.

II. FAMÍLIA, ASPECTOS BIOLÓGICOS

1. A partir do momento da fecundação um novo ser humano, único e irrepitível, começa a sua vida. Em virtude disto, a criança é membro da família humana, sujeito dos direitos naturais e deve beneficiar inteiramente da protecção das leis como todas as pessoas humanas.

A ciência biológica, melhor ainda do que no passado, consente afirmar que a partir deste prodigioso momento não se trata de um conjunto indistinto de células, mas que a constituição física do neoconcebido, sendo individualizada e distinta das do pai e da mãe, não pode existir independentemente do ser que ela mesma define.

Do ponto de vista fisiológico, a pessoa humana, constituída pela união substancial de alma e de corpo, não pode ser considerada como separada, durante todo o curso da vida temporal, da sua constituição corporal.

Por este motivo, do ponto de vista jurídico, a partir da fecundação, ao ser humano deve ser reconhecido o valor de pessoa, sem distinções de valor relativas aos estádios de desenvolvimento, que portanto dariam origem a discriminações; como tal, deverá gozar dos direitos humanos fundamentais e, primeiro entre todos, do direito à vida.

Sob o ponto de vista teológico, todo o ser humano, a partir da sua

concepção, é depositário da dignidade da criatura humana que tem a imagem do Pai.

Qualquer que seja o estado do seu desenvolvimento, a pessoa humana obtém a sua dignidade da sua condição de criatura, munida da faculdade de actividade livre, ou seja, de pessoa, e a este título é imagem de Deus.

2. Em virtude desta mesma dignidade própria, cada indivíduo tem direito a nascer no interior de um casal estável e indissolúvel, unidos em matrimónio, isto é, numa comunidade de vida e amor, e é seu direito ter origem de um acto de amor conjugal livre e responsável (cf. «Donum vitae», 2,4).

Todavia, também nos casos em que esta concepção se verifique fora deste contexto de amor, a criança concebida merece o pleno respeito devido a cada pessoa humana, é titular do direito à vida e, portanto, deverá ser acolhida e sustentada pelo amor da mãe, possivelmente no interior de uma família.

3. A partir deste «princípio de família», deve-se reivindicar à família mesma, aos pais e aos outros componentes, a competência, o direito e o dever de cuidar do filho e de educar, o qual, por sua vez, é um dom precioso e uma fonte de valores para todos os componentes.

4. A partir destas considerações irrevogáveis, perante as dificuldades que em diversos modos se podem apresentar para a família e o casal, afirmamos que:

a) o aborto não é uma resposta válida nem aceitável, porque é um delito grave contra a vida da criança concebida, e constitui uma grave ferida na vida e na dignidade da mulher, a qual, perante este triste acontecimento, é deixada sozinha. A legalização do aborto é um factor de corrupção da sociedade e do direito, que têm como dever próprio proteger a vida de cada indivíduo humano e a maternidade.

Deste grave delito são responsáveis também todos aqueles que facilitam, realizam e colaboram em tal facto e, em medida proporcional, quantos lhe criam as condições e circunstâncias favoráveis ou não fazem o possível para os afastar.

Em particular hoje, deve-se ter em conta que o aborto já não é apenas um problema de moral individual, mas é também um problema de moral política, porque há políticas que programam a sua legalização, favorecem o seu incentivo e, através da própria lei, lhe dão uma espécie de justificação social. Nesta espiral negativa vêm a faltar não só o respeito à vida, mas também a dignidade da lei e o próprio conceito de autêntica democracia. Deve-se ter presente que uma democracia que não defenda a vida humana de todos, não é democracia substancial, mas só formal, e a lei acaba por ter, neste contexto, simplesmente um carácter convencional.

A resposta alternativa ao aborto deverá ser procurada com todos os esforços numa política solidária, familiar e social, que assegure a todos o direito à vida e uma qualidade de vida em consonância com a dignidade da pessoa.

A comunidade, portanto, deverá estar próxima, com o apoio moral e a ajuda espiritual, das mulheres que

tiveram a experiência negativa e dolorosa do aborto.

b) Embora tendo conhecimento e tornando-nos conscientes das dificuldades que a sociedade causa aos casais para aceitarem algumas vezes uma nova vida, a contracepção, que enfraquece e corrompe a intimidade conjugal, fazendo a separação da dimensão unitiva da dimensão procriativa do acto conjugal, não é uma resposta humana nem válida para o problema da regulação dos nascimentos. Pelo contrário, a contracepção representa, infelizmente, um dos meios preferenciais, juntamente com a esterilização, para as políticas contrárias a natalidade, com frequência impostas às populações.

Não corresponde tão-pouco ao que a revelação requer, isto é, que o homem e a mulher são uma só carne, como se deduz da antropologia bíblica («una caro» cf. Gén. 2,24; Mt. 19,6).

Novos produtos químicos e vacinas, propostos como contraceptivos, podem provocar o aborto antes da fecundação ou impedir o prosseguimento da gravidez, com um agravamento da mentalidade e das metódicas contrárias à vida.

Os cientistas e os médicos e os assistentes sociais são chamados a cultivar e a propor as metódicas respeitadas da dignidade da vida, do matrimónio e da família, através da preparação e da difusão dos métodos de regulação natural da fertilidade, no âmbito de uma concepção autêntica da paternidade e maternidade responsáveis. As políticas sociais deverão reconhecer mais o direito das famílias numerosas e também favorecer a possibilidade de aceder ao matrimónio e de acolher a vida, para os casais jovens e as mães solteiras.

c) O flagelo do divórcio que desintegra o matrimónio e a família, como já foi recordado, ofende o verdadeiro bem dos cônjuges, cria condições de vida difíceis para os membros da família mesma e contribui negativamente para o mal-estar social das crianças e dos jovens. É tarefa de toda a comunidade evitar este trauma, impedir a sua legalização no âmbito do exercício dos direitos civis e aliviar as consequências perniciosas das situações de crise, e de separação mais ou menos permanentes.

d) A procriação artificial, quando chega a constituir uma substituição do acto conjugal, como acontece também na forma homóloga, comporta uma separação do acto procriativo da sua fonte própria, que é a união esponsal; constitui uma ofensa à unidade da família nas formas de procriação heteróloga e, no caso da procriação extracorporal, oferece a ocasião para o domínio sobre o ser humano concebido, com possibilidades de manipulações, experimentações, perdas e supressões dos mesmos seres humanos concebidos.

A resposta aos problemas da infertilidade deve ser procurada através do aperfeiçoamento científico das terapias propriamente ditas, preventivas e curativas, da infertilidade, e através do acesso mais amplo e generoso à maternidade e paternidade sociais, com a adopção numa verdadeira família, a tutela e as várias formas de empenho em favor das crianças sós a abandonadas.

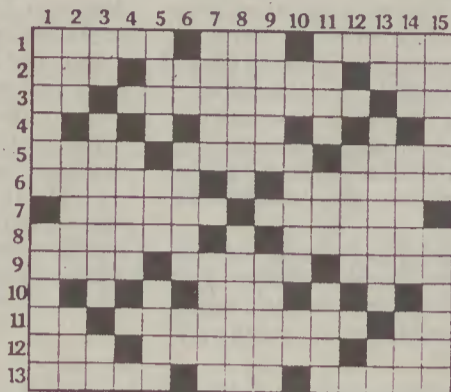
(«L'Osservatore Romano» 23.Mai.1993)

PASSATEMPOS

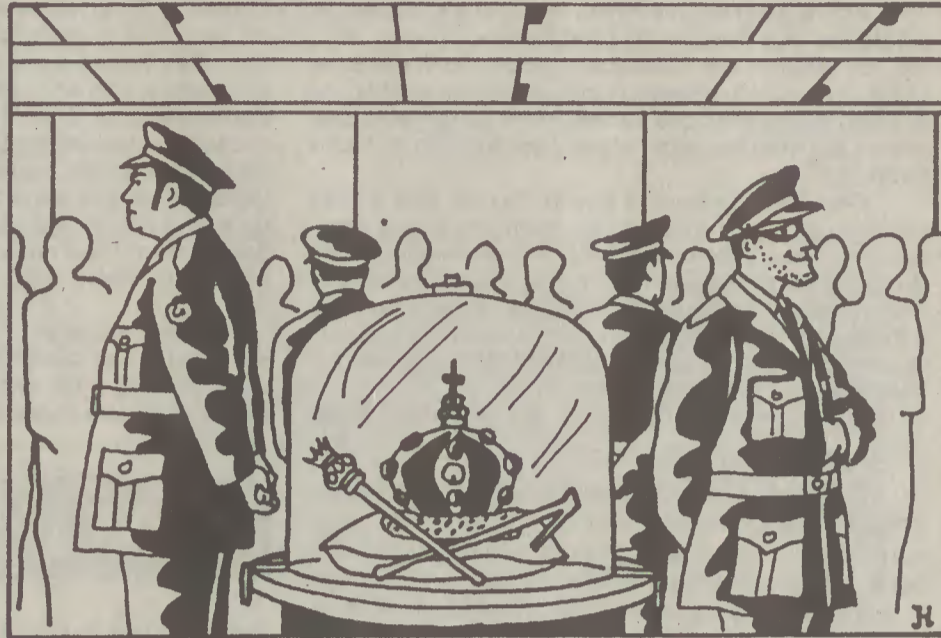
PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: 1 — Ladeira; ruído, ilha grega do Mediterrâneo; 2 — ice; prova; oceano; 3 — letra grega; célebre compositor alemão; decifra; 4 — árvore cuja casca aromatiza o vinho; 5 — catafalco; inventor do telégrafo eléctrico (inv.); cacete; 6 — ligeiras; comovem (fig.); 7 — rostito; ligere; 8 — elegante; redondéis; 9 — destruidor; trajais; estará; 10 — governanta; 11 — 501 romanos; pomposo; batráquio; 12 — tumor mole entre a pele e os ossos das bestas; dascorada; maior; 13 — do Sol; saudáveis; partira.

Verticais: 1 — célebre pintor, escultor e arquitecto da Renascença; charruas; 2 — acolá; peralvilho; nome de homem; 3 — pron. pess.; tostaram; Alumínio (símb.); 4 — doloroso; 5 — videira (inv.); suspiros; paralelamente; 6 — acusada; sou presente; Americio (símb.); 7 — flechas; curas; 8 — contemplaria; quarto de dormir; 9 — essência (fig.); barco de recreio (pl.); 10 — bombeiros voluntários (inic.); conjuntos de arvoredos; começo de olival; 11 — canídeos; móvel onde se guardam bebidas; membros das aves; 12 — fluxo e refluxo das águas; 13 — prep.; majestosos; nota musical; 14 — semelhante; cobrir de cal; grande quantidade; 15 — ventilar; remediara (fig.).



DEZ DIFERENÇAS



CALENDÁRIO AGRÍCOLA



NOS CAMPOS

Continue a debulha do trigo. Faça alqueives e lavouras preparatórias para as próximas sementeiras. Transporte o estrume para as «folhas» a que é destinado e enterre-o o mais breve possível. Colha feijão de sequeiro, soja, girassol e abóboras que é conveniente deixar ao tempo para melhor secarem. Semeie nabos para forragem, assim com o bersim, trevos encarnados e violetas. Monde arrozais.

NAS HORTAS

Continue a regar e a sachar. Prepare as terras para as sementeiras e plantações de Outono. Semeie em lugar definitivo, para se comerem antes do Inverno, agriões, alfaces, rabanetes e chicória. No fim do mês semeie, nos alfobres, couves diversas, beterrabas, ervilhas e espinafres. Plante alfaces e chicórias.

NOS JARDINS

Continue a aparar as relvas que devem ser adubadas em cobertura com produtos azotados. Enxerte roseiras e regue, especialmente, as que florescem no Outono.

DESAFIO

INSTRUÇÕES: Tente resolver o problema dentro do espaço de tempo concedido. Preencha cada quadrado com um algarismo de 1 a 9.

— Quadrados horizontais somados têm resultados à direita;

— Quadrados verticais somados têm resultados na fila do fundo;

— Quadrados diagonais somados, cruzando no centro e na base da coluna da direita.

Pode haver mais do que uma fórmula de resolução.

TEMPO PARA ESTE DESAFIO: 0 minutos e 48 segundos.

O SEU RESULTADO: _____ minutos e _____ segundos.

				24
		9		36
	9			28
			4	7
5				19
24	25	25	16	21

ANEDOTAS

Uma senhora gordíssima entrou numa farmácia para se pesar. Pôs uma moeda na ranhura da balança, e no mesmo instante acendeu-se um aviso luminoso: «Pedimos que se pesem um a um».



Um indivíduo com pretensões e gracioso, aproximou-se da porta de um café e disse em voz alta:

— Este é que é o café dos burros?

— Sim senhor, — respondeu um freguês que lá estava — pode entrar!



O director do jardim zoológico está em férias. O substituto escreve-lhe:

— «Senhor director: O chipanzé está doente. Parece que se sente triste por estar só. Que hei-de fazer enquanto V.ª Ex.ª não regressa?».



Certo dia estava Samora Machel a fazer um discurso aos seus apoiantes e a certa altura do mesmo, disse:

— Meus amigos, o país está em

crise. Para combater esta crise temos de trabalhar 30 horas por dia!

Respondeu um dos que estava a ouvir:

— Mas, meu presidente, um dia só tem 24 horas.

Respondeu Samora, muito prontamente:

— Então, temos de trabalhar de dia e de noite!



Estando um dia um repórter a fazer uma reportagem, a um presidente de um clube de futebol, pergunta-lhe:

— O que pensa de Maastrich?

Resposta do tal presidente:

— É muito bom, mas é muito caro para o meu clube.



Anúncio matrimonial encontrado num jornal:

Camponês viúvo com uma quinta desejará casar-se com uma camponesa que possua um tractor. É favor mandar a fotografia do tractor na primeira carta».

TEMOS EMIGRANTES E IMIGRANTES! QUE NOS VISITAM

Há naturalmente sempre gente que se engana, ou se presta a confusões no que diz respeito a Emigrantes e Imigrantes. Sim, são pecados que não devem ser perdoados; a não ser que esta confusão seja acompanhada, de uma certa falta de conhecimentos respeitantes a quem sai do país, ou entra para ali se instalar e fazer a sua vida.

Agora estamos no tempo em que se discute os problemas dos nossos (E) (I)migrantes, turistas, etc., etc.. Eu prefiro tratar deste assunto, dando-lhe o nome (As Nossas Comunidades Portuguesas) ou melhor, os nossos portugueses que trabalham no estrangeiro; que não é nada mais ou nada menos 1/3 da nossa população nacional.

Caro leitor do jornal A Voz da Abadia, será do seu conhecimento, que a nossa Câmara Municipal de Amares, em colaboração com o Senhor Governador Civil de Braga, o Instituto de Apoio à Emigração e Comunidades Portuguesas, delegação de Braga e, a Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, criou um serviço especial para ajudar os AMARENSES que vivem e trabalham por esse mundo fora.

Em nome desta Câmara e, como director deste

serviço graciosamente, quero desejar a todos os nossos amarenses que já aqui se encontram em gozo de férias, as mais cordeais boas-vindas e que nos visitem muitas vezes e até muitos anos.

Devo informar, que em honra das nossas comunidades portuguesas, organiza-se nos dias 26, 27, 28 e 29 deste mês de Agosto, uma grande festa na Vila do Concelho, especialmente no largo da Feira-Nova, com um programa muito ambicioso.

Pois já agora me seja permitido, dar aqui uma informação, não só a quem já cá está de férias, mas também a quem ficou lá fora. Quando vêm a Portugal, habitualmente querem gozar férias e, ao mesmo tempo tratar de assuntos: notarias, repartições públicas, etc.. Lembrem-se que neste tempo os nossos funcionários, também estão em férias, como em qualquer outro país do mundo, por isso não venham dispostos para resolver problemas, fazer negócios, baptizados, casamentos, etc., etc..

Esses negócios ou resolver qualquer problema, deve ser feito em outras alturas e, se possível através de um familiar ou procuradores e, se tiverem dificuldades, escrevam para a vossa Câmara Municipal, que lá esta-

remos de braços abertos para vos informar e ajudar, gratuitamente.

Pois agora, me seja permitido dar uma informação e até uma achega a alguns dos nossos compatriotas. Digo alguns dos nossos compatriotas, porque a maior parte não necessita deste aviso. Sabemos muito bem que no estrangeiro, os nossos portugueses têm um comportamento exemplar e quando chegam aqui, julgam que tudo é deles e, que somos todos um bando de atrasados, faltando ao respeito às nossas autoridades, aos nossos funcionários, põem os carros em qualquer lugar, passam por cima de tudo e todos, dizem o que lhes apetece, até por vezes em língua estrangeira mal falada, etc.. É bom saber-se que já temos mesmo aqui em Amares, gentes que falam e conhecem várias línguas e, conhecem a vossa vida lá fora. Por isso, um pouco mais de atenção, não fará mal...

Meu bom amigo, venha muitas vezes a Portugal, mas conduza como já é seu hábito lá no seu país de acolhimento. Pois só assim você será bem recebido, amado, estimado e respeitado.

Manuel Teixeira

Ora bem. Vou hoje falar dos Petiscos. Não dos petiscos saborosos que o Sá de Miranda aqui apreciou, com aquela bagaceira de dar estalidos na boca, conversando, junto à fonte da Barroca, com o seu amigo António Pereira, Senhor de Basto.

Os Petiscos são gente. Ou melhor são uma família a morar ali nas bandas da serra da Orada e por onde D. Nuno, que depois foi de Santa Maria, percorreu nas suas falcoadas. Também nome de pia capela que os frades beneditinos mandaram construir, por causa das agruras invernais da montanha, fazendo por aqueles aléns as suas «oradas» durante três dias e três noites, olhando o céu estrelado e percorrendo a vista pelas boninas que enfeitavam na festa da impudicícia humana.

Porém, em Pousadouros, os pinhais continuam altos e espessos com as rolas e as poupas nos seus coretos, especialmente as poupas, pentes ao alto como sevilhanas em praça de toiros, observando, precatadas, tudo ao redondo, soltando a sua solfa, a mais o cascalheta do cuco, tal e qual a fazer troça dos maridos enganados — cu, cu...

Mas eu tinha de escrever era sobre os Petiscos — os Petiscos concretos da minha história.

Dos três Petiscos só um casara e tinha uma filha que era o ai-jesus do presépio da família.

Educada a menina num círculo passadista de respeitabilidade, quando ela e eles adregavam de se encontrar com aquela que fora a sua professora, «no primário», todos a envolviam em amabilidade e deferências amigas. E sempre virando-se para a tímida criança:

— Pede a bênção à senhora Professora.

E, enquanto esta não estendia a mão para a beijoca, a teimação não acabava.

Perante o senhor Abade, já tal recomendação era escusada. A menina, com as suas tranças enroladas sobre as espáduas, aproximava-se, meiga e submissa, esperando que o cura a cobrisse com o manto da sua mão espalmada ou a achegasse a si, metendo-a debaixo da batina, quando era o caso de fazer frio.

A Professora tinha um estatuto abaixo do do Padre, mas tinha o seu estatuto. Bênção de Professora também valia, não era ela uma segunda mãe?

Todo o ano os Petiscos amercanciavam no farto grangeio das terras lavradas só se afastando de casa para ir à missa e ao confesso. Lá isso queriam-se com Deus e com os santos. Iam a uma ou duas romarias, ao perto, mas o fartum dos Petiscos era o São João, em Braga. Uma semana antes preparavam o merendeiro e a bolsa para dois dias e com fatiotas, feitas pelo cabide do alfaiate, e já muito coçadas, mas muito limpinhas, lá embarcavam naquela «chocolateira» do Marinho até à cidade dos Arcebispos. Dois dias e duas noites de farra, de moína, gozando tudo, as bandas de música, os ranchos, a dança do Rei David, o fogo, («àquele lume em todo o largo céu, Nossa Senhora»), as matracas, o alho porro, tudo, tudinho, dormindo nas relvas dos canteiros dos jardins com uma manta por cima.

Certo dia um dos manos acordou com um febrão e a tremelucar por todo o corpo, e, dessa vez, não adiantava recorrer a chás e esperar que o tempo curasse a mazela.

O Petisco mais velho desceu do seu poiso alto de Pousadouros, entrou na Vila de rompante e foi

CRÓNICAS SELVAGENS (18)

bater à porta do Dr. Lucena, médico de uma estatura física fora do comum, avantajado, pé enorme, «uma patola», como dizia o sapateiro Florêncio. Não havia nas lojas sapatos para ele à medida. Calçava por encomenda, após escolher o modelo.

O clínico sobe na sua charrete a motor até Água Redonda e daí para cima montado num burro velho e cansado.

Entrou na casa dos Petiscos, pela cozinha, e ficou abismado. Fumo, fuligem poeirando por tudo quanto era canto, os coelhos a passarinho pelo tabuado, os furões numa caixa mal empalhada, e a porta traseira meia desconjuntada e semi-aberta para o cortelho do reco. O cheiro era nauseabundo. O Dr. Lucena ia vomitando. Transportado à sala — um eufemismo naquele casaréu — aproximou-se da cama do doente, não sem antes ter esbarrado num monte de espigas e sentir o abano falso de uma tábua quase solta. Examinou o doente, passou receita, meteu-a ao bolso, convidando o mano velho a entrar no seu bólido pernalta e já desengonçado, para aviar a receita.

Mal encostou o Chevrolet, com um ronco, junto à sua residência, tirou a receita do bolso e entregou-a ao Petisco que, respeitoso, lhe perguntava quanto havia de ser pela consulta, pelo desarranjo e pela deslocação.

— Não é nada, ora, atirou o Dr. Lucena, com voz seca e arrufada, contente por se ter visto livre de uma tal alhada.

«No monte, vivendo como os animais, uma pobreza chocante», ia matutando o nosso clínico, enquanto subia as escadas e ia desabafando para a esposa — «preciso de tomar um banho, venho cheio de fumo e de poeira».

Quando à noite, o Dr. Lucena entrou na sala do mais que centenário Clube Cabeceirense, o Dininho Seara, um dos comparsas da jogatina, com aquele seu olhar marotinho, indagou:

— O senhor doutor hoje desforrou-se.

— Desforrei-me?

— Então, os Petiscos?

— Dinheiro? Ó Seara, eles não devem ter para comer. Nunca vi assim uma miséria!

Então foi a vez da velha raposa do baralho gargalhar nas barbas do doutor.

— O senhor doutor caiu na boa. Os Petiscos estão cheios dele — e aflagava o indicador no polegar — em potes de ferro. O senhor doutor, há-de desculpar, é de bom tempo e bem se vê que veio do Porto, às cegas, clinicar para um sítio a que está alheio. Só no último corte de pinhal sabe quanto receberam?

— ?

— 15 contos (estávamos em 1956).

O médico ficou engalhado, encostado à porta do gabinete da direcção, atónito, e teria esganado o Petisco se o apanhasse ali à beira.

Este Dr. Lucena, passados dez anos saíu de Cabeceiras, onde mal ganhava para o correnteio diário, e acabou por dar entrada num navio transatlântico como médico de bordo.

Tudo à feição para um homem de bom garfo e

de costa direita, conhecendo terras longínquas, outras mulheres saborosas, comer e beberes variados, salão de dança, amurada, muito sol e muito mar, enfim, como peixe na água.

Além de clínico, era homem culto, com um sentido estético apurado, apreciador de música clássica e ballet. Delirava com as coreografias russas, quando elas vinham ao Porto, e era fã inquestionável do «velho João Villaret».

Muito sincero com os doentes e ainda mais com os amigos.

— Ó Ramos (era o chefe da Repartição de Finanças), isto aqui, e apontava o estetoscópio, é um engana-meninos. Em princípio não lhe vejo nada de grave. A essa dor que você sente aí não lhe sei a causa, até pode ser uma dor reflexa, sem grande importância. Vai fazer uma radiografia e nem o medico. Não vou ficar aqui toda a vida à procura da «rolha» e você a servir de cobaia.

O Dr. Lucena morreu há um bom par de anos. Parece que o tenho aqui ainda na minha frente, com o seu corpo de gigante e a sua simpatia de homem amabilíssimo, que um dia foi à prateleira das «amostras» e me entregou duas.

— Toma isto e vais melhorar. Não passa de um rugido de figadeira e de uns gases no intestino. Peida-te bem, bota tudo para fora. Nada de sardinhas, carne de porco, estrugido apurado e só um pouquinho de vinho para empurrar.

E, batendo-me com as manámulas nas costas, despediu-me com um sorriso.

— És um bom rapaz. Cuida-te e vê se te casas. Mas não me convides para padrinho. Sofro de claustrofobia. Como vai a tua namorada? Bem, é claro, vê-se nos teus olhos...

Realmente casei, Dr. Lucena, andavas meu bom amigo de cruzeiro, no alto mar.

À margem do rio do tempo todos os teus compenheiros já partiram: o Seara, o benjamim da família como tu lhe chamavas, o castiço e inenarrável Dr. Moutinho, o Zezinho Venâncio, sereníssimo e imperturbável, o juiz Pires Cardoso, o magistrado mais compreensível e tolerante que Cabeceiras terá tido, o Sousa do Tribunal, jornalista impárravel, poeta da décima hora e um conversador indomável, o Dr. Aires da Carrazedo, questionador incorrigível, o senhor Moraes das Estradas, quase sempre com a mesma roupa, despenteado e com os sapatos desapertados, o Mau-Mau com cara de boldogue, o Dr. Ferreira Leite, agitado e rebentino de génio, o fivelinhas do Néné, o Quirino dos Correios, elegante e fagueiro, sempre nos trinques, o Norberto, retardado e bacoco, bobalhão da festa, o ricalhaço do brasileiro de Calnhos que podia subir por escada de ouro para a cama, e o velho Seixas, muito escaqueirado, nas últimas.

O Clube Cabeceirense já foi — o *tempore!* o *mores!*

Os Petiscos, avelhados, têm cada vez mais dinheiro; e, à medida que a vida declina, vão ficando cada vez mais unhas de fome, a rapariga casou, andou, e libertou-se. Encontrei-a há dias, em Braga, toda repençada, a sair da missa dos Congregados. O S. João apegou-lhe algumas raízes à Bracara Augusta e civilizou nela o bicho do buraco que nasceu em Pousadouros.

Alexandre Vaz